

ASSEMBLEIA MUNICIPAL
MIRANDA DO DOURO

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 10 DE JULHO DE 2015

ACTA N.º 4/2015
(CONTÉM 21 PÁGINAS)

Por convocatória da Sr.^a Presidente da Assembleia Municipal datada de 3 de julho de 2015, reuniu, a Assembleia Municipal de Miranda do Douro, no Salão Nobre da Câmara Municipal, pelas onze horas, com o ponto único da Ordem de Trabalhos:-----

1. Comemorações do Dia da Cidade:

- Assinatura de Protocolos com Juntas de Freguesia e Instituições;
- Homenagem a Instituições e Personalidades.

Verificou-se a ausência dos seguintes membros: Jacinta de Jesus Borrecho Raposo Fernandes, Ivete Maria Martins, Elisabete Maria Almeida Costa, Jacinto dos Santos Afonso, Sérgio Filipe Miranda João e Carla Sandra de Almeida Vaz Rodrigues, tendo apresentado pedidos de justificação de faltas, as quais foram consideradas justificadas. -----

Estiveram presentes os seguintes membros: António Augusto Castro Carção, Carlos do Nascimento Ferreira, Antero Correia Besteiros, Alberto Afonso Martins, Maria Virgínia Lopes Preto, Hermínia Delgado Fernandes, Ivo Manuel Raposo Mendes, Valdemar da Assunção Gonçalves, André Filipe João Pires, Carlos Eduardo Córdova Pera, José Marcelino Antão, Esmeraldino Adérito Raposo Fernandes, António Rodrigues Barbosa, Manuel Guerra Gonçalves, Gonçalo José Peres Santos, Ezequiel dos Ramos Raposo, Norberto Fernando Ferreira, Francisco Cândido Preto, Orlando Seixas Vaqueiro, José Luís Almendra, Alfredo José Garcia Cameirão e Adérito dos Santos Martins.-----

Além do Senhor Presidente da Câmara Municipal, Artur Manuel Rodrigues Nunes, estiveram presentes os Senhores Vereadores Ilídio Maria Rodrigues,

Anabela Piedade Afonso Torrão, António Nuno Marcos Rodrigues e Helena Maria da Silva Ventura Barril. -----

Na falta da Presidente da Mesa, Jacinta de Jesus Borrecho Raposo Fernandes, presidiu à mesma o 1º Secretário, Carlos do Nascimento Ferreira que deu as boas vindas a todos a esta Assembleia Extraordinária em que Miranda do Douro faz 470 ano de elevação a cidade. De seguida chamou, para fazer parte da mesa, Maria Virgínia Lopes Preto e declarou aberta a sessão eram onze horas e quinze minutos. -----

O Presidente da Mesa deu a palavra ao Presidente da Câmara para distribuir a palavra pelo executivo, começando a **Vereadora Helena Barril por dizer:** “ falar de Miranda, é uma matéria extremamente fácil para mim, ou se calhar, para todos nós mirandeses, mas tenho que invocar, um estatuto de imparcialidade, nunca serei parcial, nunca serei isenta. Miranda, para mim é uma cidade com muito encanto, olho para Miranda com uma visão muito pessoal, foi aqui que nasci, é aqui que eu vivo e é aqui que eu quero ficar, porque considero que tem todos os atributos para se viver, para criarmos os filhos. É claro que vivemos um bocado excluídos da realidade dos políticos do governo central. Mas num dia destes, é preciso realçar aquilo que temos de bom, temos que tirar partido e saber tirar partido da nossa interioridade”. Terminou com estas palavras “*Miranda ye la mie tierra*”. -----

De seguida foi dada a palavra ao **Vereador Nuno Rodrigues**, que passou a ler o seu discurso que a seguir se transcreve:-----

“Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal em exercício, Senhores Secretários; -----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Miranda do Douro, Colegas Vereadores, Secretária Lina; -----

Senhores Presidentes de Junta, Deputados Municipais, Comunicação social; -----

Mirandesas e Mirandeses. -----

Hoje em Assembleia Extraordinária celebramos as Terras de Miranda e homenageamos as suas gentes, dois dos seus maiores e duas das suas instituições. -----

Uma sociedade que não sabe reconhecer não tem identidade e não terá futuro. Assim é sempre tempo de celebrar, relembrar, reconhecer e prestar as devidas homenagens. -----

A nossa terra precisa dos seus símbolos e dos seus maiores. Estes serão sempre fonte inspiradora para que sigamos no caminho da preservação da nossa identidade que é essencial ao desenvolvimento socioeconómico do nosso concelho. -----

Sejamos também capazes de reconhecer aos outros maiores que são certamente todos aqueles que, anonimamente, vão dando vida às nossas terras e assim perpetuam a nossa identidade. -----

Uma palavra para todos aqueles que não residindo no nosso concelho mantêm forte as suas raízes à sua terra. -----

A todos os que de uma forma ou de outro contribuem para a notoriedade do nosso concelho e do seu desenvolvimento Bem Hajam e Obrigado”. -----

Vereadora Anabela Torrão: “Estamos aqui a assinalar mais um ano de elevação de Miranda do Douro ao estatuto de Cidade, há 470 anos. E este dia é propício a uma reflexão, sobre a história sobre este povo singular que é constituído por gente empreendedora. Muitas associações, médias e grandes empresas, que têm feito de Miranda do Douro um exemplo. Também se costuma dizer, as pessoas passam e as instituições ficam, mas não é assim. A verdade é que há pessoas, pelo seu carácter, pela relevância social, por todo o estatuto que tiveram e pelo impacto que tiveram nesta cidade e no concelho merecem ser lembradas e homenageadas, é justo lembramo-nos destas pessoas, destas instituições que deixaram um marco nesta cidade. Também hoje vivemos tempos conturbados, Portugal passa por uma crise económica – social, uma crise estrutural, é preciso tomar medidas para conseguirmos sair delas e a mim como cidadã e principalmente como autarca, preocupa-me também a forma como isto se tem refletido na forma de gerirmos a autarquia, mas foi, e é, com determinação e muita insistência, e eu, nós, todo o executivo, tomamos medidas, desenhamos políticas, implementamos medidas, e conseguimos reequilibrar financeiramente este município, medidas de proximidade à população, visando o bem-estar da população, a criação de

emprego e a fixação da população. Queria também terminar dizendo e prestar uma pequena homenagem a todas as mulheres e homens que exerceram funções autárquicas, funções nas instituições e que todos eles também merecem ser lembrados. No fundo dizer que tenho orgulho em ser mirandesa. Viva Miranda, vivam os Mirandeses. -----

Vereador Ilídio Rodrigues: “Comemoramos hoje os 470 anos de elevação de Miranda a cidade, o que significa que nesta sala estão seguramente aqueles que de uma forma legítima, representamos e ajudamos a crescer e a criar esta cidade, e por isso a redobrada legitimidade e a responsabilidade que temos em cima dos ombros, de levar esta terra para diante criando as melhores condições para que os nossos munícipes não emigrem, não saiam daqui, e sobretudo para que tenham condições para criar os seu filhos. É por isso que nós, políticos, que enveredamos por esta causa temos a responsabilidade de ajudar esta gente que quer permanecer nestas terras. Temos que homenagear todos aqueles que ao longo dos seculos e dos anos ajudaram, conforme podiam ou sabiam a que esta terra fosse engrandecendo, fosse mais conhecida a nível nacional e além-fronteiras. Continuamos hoje, os que aqui estamos, a ter essa responsabilidade. Orgulhosos do trabalho que fazemos, arduamente todos os dias, representamos o povo mirandês e eu, obviamente, me orgulho de o representar, há longos anos, e continuarei sempre da forma que o tenho feito até agora, de forma humilde, simples e transparente, a lutar pelos interesses coletivos acima dos interesses individuais. Miranda também *ye la mie tierra*”. -----

Presidente da Câmara: “Quando preparei este discurso tinha um determinado perfil de intenções, mas vou desviar-me um pouco dessas intenções, até porque o que a Vereadora Helena focou aqui, é um assunto que também me apraz, pois nasci nesta cidade e tenho orgulho de ser mirandês de gema, o que significa que sinto a cidade de Miranda do Douro uma cidade minha, uma cidade de raiz, uma cidade que eu quero continuar a proteger, a valorizar e a promover. Significa esse carinho muito especial pela cidade e pelas pessoas. Muita gente já saiu desta cidade, principalmente nas décadas de 70 e 80 que eu vi muita gente abandonar esta terra, refiro-me aos *barragistas* que

passaram por esta terra e marcaram um período. Também lembro que durante muitos muitos anos, muitas guerras, guerra dos sete anos, a guerra do bispado, tudo isto foram guerras do passado, mas todos eles com a mesma vontade, com a mesma determinação que estamos nós hoje aqui, eleitos politicamente, representantes do povo, mas é de facto este marco histórico que hoje nestes 470 anos também devemos orgulhar-nos do passado, porque muita gente morreu neste percurso e hoje é um dia de homenagem a todos eles. É também este reconhecimento que vamos ter hoje nestas homenagens por um lado e a assinatura de protocolos por outro. Também dizer-vos que olhar para o futuro é um desafio, que nós cada vez somos menos, já o disse e continuo a dizer que temos que ser, cada vez mais fortes, mais rijos e mais lutadores porque se outrora conseguiram, nós hoje temos de ter mais vontade de vencer. Começamos esta legislatura dizendo isto, olhar para as pessoas, temos que tratar das pessoas, dizer que as pessoas não podem emigrar, as pessoas devem ficar onde gostam, e tentar dar-lhe as melhores condições para que, se querem ficar no concelho de Miranda do Douro, tenham as condições necessárias. É este esforço que nós temos que fazer, nas diferentes áreas, sejam do PS, do PSD, do PCP ou de outras índoles Políticas, dar condições às pessoas para que elas vivam onde querem viver é isso que tentamos fazer junto das instituições nacionais e internacionais, o exemplo dos fundos comunitários, é triste que cada vez mais o estado central, cada vez mais centralista, continue a tirar dinheiro do interior do país, tirar competências ao interior do país, a luta do estado contra o poder autárquico. É uma das grandes preocupações que nós temos que ter. Temos que nos unir, os dois partidos que hoje aqui estão representados, nesta união de autonomia do poder local. Queremos continuar a lutar pelo concelho de Miranda do Douro. Hoje estamos nós no poder, mas os nossos antecessores tenho a certeza que também tentaram fazer o seu melhor pelo Concelho, futuramente virão outros e é esta luta contínua que todos devemos ter". A terminar, fez um convite a todos para estarem presentes no evento dos Pendões a realizar no dia de amanhã, 11 de julho. Por fim disse, Viva Miranda, vivam os Mirandeses. -----

Presidente da Mesa: Agradeceu a todos os intervenientes e continuou dizendo que, a baixa densidade não é negativa, até porque nós sempre fomos terra de baixa densidade, nós é que temos que agarrar essa oportunidade, temos que a valorizar, deixar de perder pessoas pois é coisa mais importante que há no mundo, o resto é obra, as pessoas são os monumentos e em relação a isso queria ler-vos um Poema de Francisco Niebro que se chama MENUMENTOS: -----

“Por essas terricas ye ralo ber menumentos: talbeç ua igreija un cruzeiro ó até ua fonte antiga.

La mie tierra ye armana: porque nun hai menumentos?

Corri atrás de la pregunta falei culas personas oubi cuntas antigas mas naide sabie deilhes.

Naide puode bibir sien menumentos sien ardanças de giente muita giente.

Ten que ls haber i you fui a saber deilhes.

Corri caminos chubi arribas passei ribeiras i ne ls cabeços deixaba la bista bolar até adonde naide alcança.

Bou-bos a cuntar algo de l que bi an la mie tierra.

Bi binhas a crecer ne l meio de peinhas arrebalinas onde mal entra l sachu pardones xeixos i piçarra cul tuoros ls acachadicos ne l suolo.

Bi homes i mulhieres cun fierros açadones picaretas a poner bacielhos an buraquicos siempre giente muita giente a fazer binhas.

Bi homes i mulheres cun asnales i mulas a arressaiar a arrebalar.

Siempre giente a poner a podar a scabicar a aconchegar a bendimar sempre giente muita giente a fazer binhas.

Cabeços subre cabeços óndias de binhas sien fin tetas barrigas redondas a parir carreirones benas de sudor metade de l anho un mar berde l'outra metade un eijército de cabecicas negras.

Quien poderie ber un menumento assi se nun cabe na praça?

Bi un palo an riba d'outro a chubir i a abaixar an buracosna peinha cumo cabernas de tesouros.

Bi ua tierra de mineiros d'auga l ouro que sacában cua ciguonha.

Sacában sacában sacában até auga nun haber - que gana de ber berdegar!



Un fuogo crecie anton fuora de l poço i la tierra amarielha ardie al son de las chicharras.

Poços ciguonhas ouro-auga menumento an las entranhas de la tierra.

Bi ls campos a arder i giente pul meio an brasa par'alhá par'acá sien parar sien çcansar

A segar a sudar a sudar a segar

Sien çcansar sien parar giente puls caminos carros de mulas amarielhos derriados a chiar a acarrear par'alhá par'acá sien parar sien çcansar.

Bi eiras amarielhas cun bornales eiras chenas de soles fábricas de soles redondos que s'albantában to ls dies amarielhos a scaldar i trilhos al redror al redror sien çcansar sien parar i un einfierno de munha an cembones a bolar.

Mundo redondo e amarielho amarielho de cansar amarielho de queimar amarielho de cegar i l tiempo al redror al redror al redror sien para sien çcansar

i la bida al redror al redror al redror sien nunca mudar.

Menumento cun quelor de cegar quien l puode ber?

Bi nas rues tapete sien fin giente a picar a picar cumo quien scamuje ls males ó corta ls einemigos nua guerra rues que cheirában a tomilho scoba i xara que de tanto cheirar ten que s'andar dreito cumo quien nun ten miedo de nada.

que giente ye esta que pon tapetes nas rues solo par'eilhes passáren cumo se fúran santos na percion ó prejudentes?

Que giente ye esta cun tanta ganavde picar de cair pulas arribas i arrincar todo l que crece solo para fazer tapetes na rue i andar bingando-se de l bezerro de ls çapatos i de ls calhos?

Giente que solo anda an tapetes cumo reis giente cun proua assi solo se bei an menumentos.

Bi-los a todos juntos ne l cunceilho a çcutir un menumento renhírun gritórun i naide s'antendie.

Quando s'íban yá ambora passou un bielho a cabalho na burra - bielho que yá mal se mexie mas benie de regar la huorta!

l cumo un raio de l cielo todos dezírun: ye la burra!



Alhá stá la burra de piedra cumo se pacira nas eiras.

Al lhado stá outra piedra cun un berso que diç assi:

Fiç andar nuobos i bielhos.

Puls cabeços i arribas

Qualquiera cousa comie.

Traie ubas i tomilhos.

Sien ilha par'onde ye q'ibas?

Maior ajuda haberie?

Este menumento diç

Que la burra er'un de nós:

La bida, ruodra sien fin,

Cumpanheira nuossa fiç.

Sue muerte nun caia an bós.

Sien eilha haberie Sendin?

Se binerdes a la mie tierra este menumento naide l bei

mas que stá alhá stá alhá.

Cada tierra ye un menumento sculpido por muitos muitos anhos muita muita gente.

Agora ando sempre a scabar culs uolhos l que quedou de la gente arramada i acamada an anhos por ende.

Ls menumentos cólan-se-me al cuerpo cun gana de crecer de m'angulhir i m'oubrigar a caminhar siempre cula alma de zinolhos".

Abertas as inscrições para quem quisesse intervir, inscreveram-se os membros: -----

António Barbosa, cumprimentou todos os presentes e passou a ler o seu discurso do seguinte teor: -----

“Há 470 anos a nossa Terra foi elevada à categoria de cidade e é com grande orgulho que a Junta de Freguesia de Miranda do Douro se associa à comemoração desse dia tão especial. Hoje, aqui reunidos, sinto que não celebramos apenas uma data: Celebramos a nossa História; a nossa Cultura e os valores e laços que unem todos os Mirandeses. -----



Quero aproveitar este momento para deixar aqui uma palavra de apreço e encorajamento aos meus caros amigos Presidentes de Junta, pois ser Presidente de Junta é uma nobre missão. -----

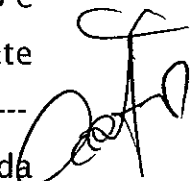
Desde as primeiras eleições livres, na qual foi eleito como Presidente da Junta de Freguesia de Miranda do Douro, o nosso saudoso Sr. José Francisco Martins, que a preocupação de todos os que passaram pela Junta tem sido uma só: servir os Municípes da melhor maneira. -----

A nossa ligação direta com as populações permite-nos estar mais próximos das necessidades da comunidade. Um presidente de Junta acaba assim por não ser um mero agente do estado, mas antes um amigo sempre pronto a solucionar os problemas e disponível a ajudar aqueles que mais precisam. -----

Neste momento, gostaria de agradecer ao executivo Municipal pelo apoio que nos foi prestado até à data, lembrando que cada vez mais as Juntas de Freguesia e, não falo apenas de Miranda do Douro, têm menos recursos e sem o apoio Municipal seriam incapazes de levar adiante algumas obras tão necessárias. E apesar de todas as dificuldades que o nosso país atravessa, enquanto Presidente de Junta da Freguesia de Miranda do Douro, não pouparei esforços para defender os nossos municípes e conseguir o melhor para a nossa terra. -----

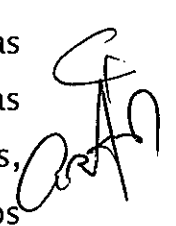
Termino saudando, homenageando e agradecendo a todos homens e mulheres que em funções autárquicas ou institucionais trabalharam e trabalham pela nossa cidade. A todos Muito obrigado". -----

José Almendra: “Eu também fui eleito nas primeiras eleições autárquicas como Presidente da Junta, e fiz parte da Assembleia Municipal. Na altura eu fui eleito pelo Partido Socialista, que não tinha a maioria na Assembleia, mas houve uma coisa que me orgulho de ter lutado na época, porque hoje não estamos a comemorar só o dia da cidade, aí decidiu-se instituir o feriado municipal, para juntar todas as freguesias, e este ser o dia do concelho, e isso é o mais importante. Eu fico satisfeito, porque o primeiro ponto desta Assembleia é a descentralização do poder autárquico, com a celebração de protocolos com as juntas de freguesia, eu acho que isso é uma das formas mais importantes de





comemorar este dia, e agradeço à Câmara por isso. Falou-se aqui que os monumentos mais importantes são as pessoas, mas nós para servir as pessoas temos que ter meios, espero que a Câmara no futuro continue apoiar as juntas de freguesia e a dar os meios necessários para nós servirmos as populações, porque se nós não apoiarmos as pessoas, o nosso concelho fica deserto. Temos a obrigação de olhar para quem trabalhou uma vida inteira. Eu sou mirandês da nossa terra, da terra de todos nós, e todos que aqui estão são mirandeses se não, não estavam aqui". -----



Gonçalo Santos: "Sr. Presidente, eu quero desde já felicitá-lo por se ter lembrado de convidar a junta de freguesia de Picote, a qual represento, para as comemorações dos 470 anos desta cidade, de cabelos brancos mas bem tratados. Picote está aqui, para ajudar a cuidar desta *senhora*, que perdue no tempo. *Picote ye la mie tierra, Miranda ye la misma tierra*". -----

Alfredo Cameirão: "Eu queria começar com uma pequena nota relativamente ao que o Prof. Almendra disse, dar-lhe os parabéns por ter lutado para que o 10 de julho fosse o dia da cidade, mas partilhar convosco também um segredo que eu conheço e que ele não quis partilhar, (em tom de brincadeira) ele lutou tanto pelo 10 de julho para o dia da Cidade, porque hoje é também o seu aniversário e em nome de todos dou-lhe os Parabéns.-----

Queria começar por dizer ao Presidente da Assembleia, que estou aqui em nome de São Pedro da Silva, Águas Vivas, Granja e Fonte Ladrão e é nesse sentido que eu vou partilhar convosco o improvisado que preparei para hoje. -----

- 10 de julho de 1545. A vida corre serena, embora com grande azáfama para os lavradores de São Pedro da Silva, Granja e Fonte Ladrão, e Águas Vivas. É tempo de segada e de regar as hortas, o pico dos trabalhos no ciclo rural que lhes rege a existência. As malhas que o império tece na longínqua Lisboa e o facto acabado de consumir-se - a elevação da vila de Miranda do Douro a cidade - importar-lhes-á bem menos do que saber se a Laranja saliu touronda ou se a água do Poço de la Fraga aguentará até meio do verão. -----

Ademais, São Pedro, a Granja e Fonte Ladrão nem sequer do concelho de Miranda - que já fora a Nova de Riba Douro, nem sequer ao concelho de Miranda do Douro pertencem; fazem parte do antiquíssimo concelho de Algosó,

cabeça da Comenda da Ordem dos Hospitalários, mais tarde Ordem de Malta, como de resto ainda hoje podemos lembrar pela Cruz de Malta inscrita no pórtico da sua igreja matriz. -----

Mas tal facto não faz deles, os lavradores e homens de outras artes de São Pedro da Silva, Granja e Fonte Ladrão, e Águas Vivas, menos mirandeses que nenhum outro, já que os seus lugares com respetivos termos, a gente e o território que hoje temos a honra de aqui representar, aparecem bem perto do centro geográfico da outrora nomeada Terra de Miranda, grosso modo o território medieval entre o Douro e o Sabor, delimitado a sul por Lagoaça e a Norte por Outeiro... de Miranda. -----

Mirandeses, portanto, e da gema da Terra de Miranda (hoje diríamos, falando de Silva e de Águas Vivas, da gema do Ovo Mirandês, um dos nossos ex-libris). Território de povoamento antigo, ou não fosse aqui que encontramos as grutas de Santo Adrião, que nos fazem inscrever a genealogia em tempos anteriores à própria História, com a assinatura reconhecida dos artefactos pré-históricos aí encontrados - pontas de setas, fragmentos de louças, ou mesmo a nossa outra mais antiga e injustamente ignorada joia, talvez o mais antigo monumento do concelho, a estátua menir da Granja, La Cruç de Lhastra de Santa Ana, a que segundo os entendidos poderá existir há mais de três mil anos, o velho ídolo de outros tempos e de outros modos, hoje sem nome, que vela e guarda a gente e a terra da Granja e de todo o Praino, ali, direita, serena, no dizer do poeta que hoje hemos de lembrar, a velha deusa da Granja que, prena, espera, ainda e sempre, pelo seu tempo para...parir. -----

Herdeiros de coisas e terras antigas. Os lugares que hoje compõe a freguesia, a nova freguesia leviana e artificialmente engendrada na longínqua Lisboa, que ao som desta canela o reino nos despovoa, como já em 500s Sá de Miranda se queixava, esses lugares, dizia, nos locais e com os termos de hoje, existem com provas documentais há pelo menos, contas redondas, 1000 anos. Com efeito, no documento de doação do regalengo de Palaçoulo, firmado por D. Afonso Henriques em 1172, aparecem Aquis Vivis e Sancto Petrum como sítios já habitados e na localização de hoje. Não consta Fonte Ladrão, mas em pagas e com uma localização próxima temos um Villar de Tortuyas, povoação

que teria desaparecido, mas não sem antes deixar rasto e emprestar o nome à ribeira que até hoje refresca aqueles vales. -----

E as nossas coisas: os Roscos, os nossos biscoitos sagrados, iguarias de Reis, católicos hoje, mas a guardarem a forma de roseta, a fazer lembrar outros tempos e outras sacralidades; as gaitas, as fraitas, os acordéons, o bater dos paus na praça da Granja, as máscaras, I Bielho i la Galdrapa que vem do início dos tempos para roubar chouriças das cozinhas descuidadas, nós, que damos chouriças ao mundo, chouriças e chouriços e butielhos e o que preciso for, como demos o nosso ouro negro, o volfrâmio de Fonte la Taça quando preciso foi, ou quando nós mesmos nos oferecemos imolados no Cabeço de Matância, em defesa de Miranda e de Portugal. E Santa Marinha e Santa Ana e Santa Bárbara e Santa Catarina e São Pedro e São Roque e a Senhora da Purificação e Nossa Senhora das Candeias e a Senhora do Rosário, que há de serena resistir a todas as agressões dos que, vindos de fora e pobres de fé, Lhe não entendem a mística. -----

E sobretudo e por sobre isto tudo, la lhéngua. -----

La lhéngua que ye la nuossa alma. Lhembrar-bos que fui por San Pedro que Leite de Vasconcellos chegou a Miranda na sue purmeira biaige. Acabo culas palabras de I mestre ne ls Studos de Filologie Mirandesa a cuntar las áfricas daqueilha sue biaige e de chegar a Miranda. Cito: Quando cheguei eiqui (San Pedro de la Silba), respirei cun ls pulmones cumpletamente a la buntade, porque al fin, post tot tantosque labores (an lhatin, cumo ne l ouregenal, peç-me que quier dezir: apuis de tantos trabalhos), antraba na Tierra de Miranda, i podie a la farta oubir falar I formidable i ancantado dialeto de ls mius amores." You pido-bos que nun arrepareis que I mestre amenta an dialeto. L home benie cansado de la biaige, aquilho fui un çcuido. L eimaige que you hoije bos querie deixar era la de "chegar a San Pedro de la Silba e respirar culs pulmones cumpletamente a la buntade". Sublinho, cumpletamente a la buntade.-----

Datrás I 10 de Júnio era I Die de Pertual i I Die de la Raça, mas apuis, por bias de las cousas politicamente ancorretas, zarriscórun la raça i quedou solo die de Pertual.-----

You, teimoso i na mie zízara, aperpongo que l 10 de Júlio puoda ser para nós l Die de Miranda i l Die de la Raça. Nó essa raça de negros i brancos i amarielhos i burmeilhos, nó, çfrecias de raças nun queremos saber i an Miranda siempre coubimos todos i sien muita çancadielha. Raça tamien puode querer dezir "buntade, querer.... ganas de". l ye essa raça que you hoije querie eiqui celebrar: la raça mirandesa, la raça que mos fai dezir... culs pulmones cumpletamente a la buntade... la proua que tenemos de ser todos mirandeses". -----

Manuel Gonçalves: "Como estamos a comemorar o dia de elevação de Miranda a cidade, eu sinto-me mirandês, mas como não é de estranhar sinto-me mais "Caramonico", e como tal dizer duas palavras, porque já muito se falou de Miranda, e bem, das suas gentes, mas também falar um pouco do peso que Palaçoulo desenvolve no bem-estar do concelho. A freguesia de Palaçoulo, tem agricultura, bastante agricultura, tem feito um trabalho excelente em prol da cultura mirandesa através das suas Associações, tanto a Caramonico como a Lérias, e queria aqui ressalvar uma palavra de apreço ao trabalho deles, essencialmente da Lérias. Queria falar também no aspeto económico, que Palaçoulo injeta no Concelho de Miranda do Douro e até nos concelhos limítrofes, estou a falar como é óbvio das indústrias, que atravessando um período de crise, os industriais de Palaçoulo souberam pegar, inovar, dar a volta à questão e ir à procura de novos mercados, contrariar uma tendência regional e até nacional. Contrariou-se o aspeto do desemprego. Quero agradecer ao Município pela assinatura dos protocolos, Palaçoulo ainda não foi contemplado e espero que num curto espaço de tempo também o seja. Parabéns às Juntas contempladas". -----

Presidente da Mesa, perguntou se alguém mais queria usar da palavra...não havendo, **passou-se de imediato à assinatura dos protocolos com as Juntas de Freguesia.** -----

Referiu ainda que os Protocolos em causa já foram aprovados em Assembleia Municipal, e que hoje é mais um ato formal de assinatura. -----

Em comum acordo, foram lidas apenas algumas partes dos protocolos, assim como assinados pela seguinte ordem: -----

- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Junta de Freguesia de Duas Igrejas; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a União de Freguesias de Constantim e Cicouro; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Junta de Freguesia de Póvoa; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a União de Freguesias de Ifanes e Paradela; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Junta de Freguesia de Picote; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Junta de Freguesia de Malhadas; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a União de Freguesias de Silva e Águas Vivas; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Junta de Freguesia de Génísio; -----
- Protocolo de Apoio Financeiro entre o Município de Miranda do Douro e a Associação Cultural e Recreativa Constantinense; -----
- Protocolo de Transferência de Verba destinada à Execução de Obras de Conservação, Restauro e Recuperação dos Cabanis do Naso; -----
- Protocolo entre o Município de Miranda do Douro e a Associação Cultural e Recreativa de Silva; -----
- Protocolo de Transferência de Verba destinada à Execução de Obras de Conservação, Restauro e Recuperação da Igreja de Fonte Ladrão. -----

De seguida procedeu-se à Homenagem a Instituições e Personalidades, com os respetivos discursos arquivados apenas em gravação, nomeadamente: -----

- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Sendim; -----
- Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Miranda do Douro; -----
- Dr. Gualdino Alberto do Nascimento Ruivo; -----
- Dr. Amadeu Ferreira. -----

O Presidente da Mesa, terminou lendo mais um poema/prosa de Francisco Niebro in "ÇTINO PARA ÛA LHÉNGUA MARIMUNDA (manifesto an modo de hino)", que a seguir se transcreve: -----

"Nuosso Senhor ye cumo ls de Miranda, nun fala mirandés.

Quando ùa lhéngua nun sirbe para rezar. Quando se dízen todos ls pecados a Dius, sin miedo, i se ten bergonha de rezar an mirandés.

Quando ye assi, nun hai lhéngua que s'aguante. Parece que Dius, quando andubo pul mundo a daprender las lhéguas, chegou eiqui i passou an zlhado.

You acho que lo zbiórun. Ye tiempo de Dius nun tener bergonha de falar an mirandés.

Quando ùa lhéngua nun se scribe, dízen que la stória inda nun ampeçou, porque nun hai modo de cuntar essa stória. Solo puode ser cuntada pula lhéngua de ls outros. Ûa lhéngua sin stória nun puode durar siempre.

L pior ye quando la lhéngua deixa de serbir para pensar. Ó, quando drumimos, nun aparece a falar ne ls suonhos, porque la lhéngua de ls suonhos ye la que stá andrento de nós. Fala-se cumo se respira. Se l lheite que se mama nun ben misturado cula lhéngua, esta nun puode quedar metida andentro i ser tan amportante pa la bida cumo l stómado, l coração, la cabeça, l fígado. Solo assi nun se puode bibir sin eilha. Solo assi aparece ne ls suonhos, inda que nun quérgamos. Ûa lhéngua que nun fala ne ls suonhos, nun bai longe.

Hai palabras que, quando las dezimos, mos fáien quedar cun piel de pita, mas solo nós damos por esso; hai sonidos que mos ambuolben cumo ùa óndia de calor, mas solo nós sentimos l cúscaro que a las bezes traiemos andrento a derretir; hai antrejeitos de la lhéngua andrento la boca, falando, que fázen cuçquinhas que naide mais sinte; hai ditos que nun ténen outra maneira de se dezir i naide antende quando nun somos capazes de ls traduzir; hai cousas que, quando ousamos outra lhéngua pa las dezir, sónan cumo stranhas i, na fin, quedamos cul'eideia de que nun fumos capazes de las dezir. Hai palabras, sonidos, ditos, cousas, que drumírun tanto tiempo cun nós, que ganhórun cama par'aquel lhado i quando nun mos deitamos para esse lhado ye cumo dormir anriba ùa piedra.

An Lisboua hai un jardin zoológico cun animales doutras terras ó que yá zaparecírun de l termo. Quien fala mirandés, puode ser cumo esses animales ralos: to la giente gusta de ls oubir i acha-le grácia a la sue lhéngua. Stá a benir un tiempo an que quien fala mirandés puode star cumo nun jardin zoológico, bicho ralo a quien las pessonas áchan grácia i por quien ténen curjidade. Pássan-se cousas que mos dében de dar que pensar: hai grupos, associaçones i até partidos pa defender todo l que steia a zaparecer. Defénden-se ls páixaros, ls burros, ciertas arbles. L governo até dá denheiro para esso. Por mi, até acho que stá bien. Porque será que cul mirandés, ùa lhéngua que stá a zaparcer, nun acuntece nada desso?

Ls mirandeses solo púoden agabar-se dũa cousa: la sue lhéngua. Correi l mundo i nun achareis nada armano. Nun ye melhor que las outras, mas ye la nuossa, única ne l mundo. Porque las lhéguas son cumo las pessonas, cada persona: por bien aparecidas que séian, son todas defrentes. Quando ùa se muorre, ye algo que se perde para siempre.

Hai mil anhos, dízen, yá se falaba mirandés. Poderie ser algo defrente, mas era mirandés. Ùa lhéngua q'ateimou an quedar nũa pequinha ilha, arrodiaada pul mar que ye l pertués i l castelhano, debe-mos dar que pensar. Se se morrir, cun eilha morreran-se outra beç to las pessonas que nestes mais de mil anhos la falórun. Quedamos assi c'un porblema mui grande: nien an to la Tierra de Miranda hai campo para anterrar tanta giente. Por esso, cumo almas penadas, quedaremos cundanados a star siempre a sbarrar culs scaletos de la lhéngua que se morriu: ùa palabra eiqui, ùa letra acolhá, un dito mais alantre. I quando, pul eimbierno, l fumo de ls chupones se fur spargindo cul aire por essas ourrietas, cabeços i canhadas, ls scaletos de la lhéngua han-de benir a calcer-se na boca dalgun bielho sentado al lhume culs nietos ne ls zinolhos. Mas, de tan angaranhidas, las letras, las palabras, nun seran capazes de s'ajuntar pa formar cuontas ó cantigas.

Cuncordareis cumigo que naide gusta de bibir nun semitério ó caminar por un campo de batailha adonde solo quedórun cadabres, cheiro a pólbara i, passado un tiempo, a chicha pocha. Un campo assi, solo puode ser buono pa ls cuorbos que, arrodiaando l cielo, beneran abaixando culs bicos prontos a fartá-

se. I solo quien stá ciego nun bei ls cuorbos que yá ándan por ende. You nun tengo nada contra ls cuorbos, mas essa nun puode ser la mission de ls mirandeses.

Passou a andar por ende a arar, a segar, a scabar, a bendimar, a regar, a tomilhos, a azeitunas, a lheinha, a caminos, culas mulas, culas bacas. Siempre de cabeça alhebantada, mesmo cun friu i cun fame, cansada, cun suonho. Fui lhéngua de rábia, mas tamien d'arrolhar; lhéngua deste einfierno de mete pie saca pie i lhéngua de sonhar cun bidas melhores; lhéngua de renher i lhéngua de torna geira ó torna l burro; lhéngua de chorar i lhéngua de fiestas i beilar; lhéngua de se morrer i lhéngua de nacer. Anquanto andaba por ende, paraba nas fraugas a calcé-se i salie dalhá feita reilhas, sachos, guinchas, machadas, calagouças i barandas; chubie-se al campanairo i tanto repicaba a casamentos i batizados cumo chamaba a missa, boltiando, ó a rebate quando ls miedos éran tan fuertes que oubrigában a ajuntar to la gente; era lhéngua de bumbeiros an carreiras de baldos sin fin; als demingos a la tarde andaba pul sagrado, pimpona, ó corrie las rues a dar bibas a la mocidade; quando tenie sede, abaixaba-se a buer de boca ne ls rigueiros ó agarraba-se a la ciguonha, al para baixo i al parriba, sin parar; quando tenie fame, iba pulas Arribas i Prainada i, cula rábia feita sacho, fierro ó çada, ponie las peinhas a dar ubas, azeitunas ó centeno.

A las bezes quedaba an casa a la spera, que nun la deixában ir pa l'Argentina, l Brasil, Sebilha, Lisboua, la Fráncia i outros mundos de Dios. Tamien nunca fui a la guerra, mas quanta beç se morriu por alhá.

Era ùa lhéngua de bida. Bida defícele, mas bida. Era ùa lhéngua de raça armana a la gente que la fala: gente orgulhosa, que nunca dejiste nien s'aquemoda cul que ten ó ye; gente que chora cun rábia i, na zgrácia ó necidade, ye capaç de s'ounir cumo se fura un solo; gente q'a la fuorça de passar la bida a chubir lhadeiras daprendiu a mirar parriba; gente q'a cada sachada, a cada suco, a cada baldo d'auga, bai sumbrando i regando suonhos de feturo i ye capaç de todo - só eilha i Dios sáben quanto! -, pa tener la proua de parir filhos que téngan ùa bida melhor; gente que ateimou an la falar i siempre se dou bien cun eilha.

Os anos fúrun passando, girações ùas atrás las outras. I la lhéngua fui quedando siempre, cumo ùa ardança. Las cuontas que fazie, naide las screbiu. Hoije, quien las puode cuntar? Adonde haberie mimória tan grande q'alhá coubíran todas? Por esso, quedórun por ende: ùas anterradas i yá se çfazírun an tierra, outras bolórun cul fumo de ls chupones nas nutes d'eimbirno, abrigando-se ambaixo ls lhapos, metendo-se ne ls machinales de ls paredones, scundendo-se de die quando ls rugidos nun la déixan oubir. A la tardica, s'andubirdes pulas Arribas, sentai-bos nũa piedra, deixai que l sol se çponga i ls páixaros s'arrecuolhan, naqueilha hora an que s'oube l silenço a passar por antre ls niebros i a agarrá-se a las peinhas cumo un bafo. Asperai un cachico, até que s'alhebante un airico i scuitai: las bozes ampécan a salir, formando stórias que l luçque-fusque deixa adebinar ne ls búltios de ls paredones i de las oulibeiras. Apuis, botai-bos carreiron arriba sentindo ls passos de las cuontas q'ándan a ber s'áchan quien las cunte.

Por ende quatrecientos ó quenhientos anos andubo la lhéngua nesta bida. Yá se habie afeito al pertués i iba-se squecendo de l castelhano. Anton, ampeçou-le a pedir palabras amprestadas al pertués, cada beç mais. Siempre que l pertués aparecie cun ùa palabra nuoba, até le achaba grácia i lhebaba-la para casa cumo se fura sue. Mas fui-se aguantando i nunca deixou de ser quien era. Cul tiempo, passou a cumbibir cul pertués andrento cada pessoa solo s'astrebindo a salir quando esta la deixaba.

Nesse antretiepo, dízen que ls de Miranda deixórun de falar mirandés. Scamugírun la lhéngua pa ls pobicos al redror. I l mirandés sentiu-se tan bien antre essa giente que nunca mais tornou a la cidade. An cada pobico, la lhéngua creciu culas sues çfrências, l sou son, mas sien deixar de ser quien era. Apagar essas çfrências ó fazer de cunta que nun eisísten, serie quedar mais probe i, se calha, morré-se de beç. Pertencer al mirandés, cumo ùa lhéngua sola, ye ùa cousa de que mos debemos orgulhar. Mas nun mos debemos orgulhar menos de las çfrências que se fúrun acamando sabe-se alhá zde quando, i que yá ls nuossos abós ardórun de ls abós deilhes. Esso, nun hai nanhue lei que lo puoda altarar. Mas la lhéngua ye ùa sola, l mirandés. Todos juntos inda mos podemos fazer oubir. Debedidos, nun balemos nada i nun

faltarán por ende quien steia a la spera desso para fazer caçuada de nós. Juntos podemos defendé-la melhor, ansiná-la, screbí-la i cuntinar a falá-la.

Que çtino queremos pa l mirandés?

Ye mui defícele responder: la lhéngua está tan mala q'inda nun se çcubriu remédio que la salbe. Purmeiro, fizo ùa raia cul pertués i deixou-se quedar solo nua parte de la Tierra de Miranda; apuis, tornou-se amiga de l pertués i fui-le pedindo palabras amprestadas cumo se fúran deilha. Quando, nesse antretiempo, la scamugírun de l'Eigreja, fui cumo recibir ùa facada que nunca deixou de botar sangre i, cul tiempo, bolbiu-se an cáncaro. Quien conhece la cura pa l cáncaro? Assi i todo, nun hai que zistir nunca ou dar se por bencido. L pior ye que ls mirandeses nien se dórun de cuonta. Stá mala, bielha i cansada, cun poucas fuorças pa rejistir. I solo hai ùa maneira de ls bielhos bibíren: por bias de ls filhos. L mirandés ten que deixar filhos que téngan proua neilha i nun arrenéguen ls pais.

Ne ls redadeiros trinta anhos, la Tierra de Miranda anchiu-se de doutores, de jornales, de rádios, de telbisonos. Mas nun hai doutores an mirandés, jornales que lo scríban, rádios que lo fálen, telbisonos adonde se beia. L mirandés ye probe i nun terá denheiro pa telbisonos, se calha nien para rádios. Mas puode tener doutores. I puode tener un jornalico, bien pequinho que seia, que báia por esse mundo adonde haba un mirandés cula lhéngua amarfanhada andrento por muitos anhos i cun gana de la botar acá para fuora. Nun será assi que la Tierra de Miranda puode amostrar que ye grande? Qual ye l mirandés que nun darie dues crouas para ajudas a un jornalico que biba ùa beç por més, ó cada três meses que seia?

Ne ls redadeiros trinta anhos, muita cousa que falában mirandés fúrun zaparcendo, muortas ó scundidas adonde naide las beia: arados, reilhas, charruas, carros de mulas i de bacas, albardas, melenas, jugos, setas de la palha, biendas i biendos, trilhos, foces, ciguonhas, calagouças, asnales, cestos sterqueiros, cilhas, cargas i arrochos, cabeçadas, maços, colmeiros, fraugas, fornos, eiras i tanta, tanta cousa. Mas la bida nun parou, demudando-se l mundo a cada die. Bamos a deixar que la lhéngua se muorra agarrada a essas

cousas que se morrírun, an beç de la fazer bibir agarrada a las personas que la fálan, demudando i quedando cun eilhas, indo cun eilhas pa to ls lhados?

Ne ls redadeiros trinta anhos, la lhéngua fui sendo scamugida de las casas: las cuntas yá nun chúbem puls chupones, yá nun come a la mesa, yá nun drume na cama. Na rue, quando adrega a passar, yá hai quien la mire de lhado. A cuntinar assi, sin eira nien beira, há-de-se morrer cul friu, nũa nuite d'eimbirno, ambaixo algun cabanhal adonde, por smola, la deixórun dormir. Nun haberá na Tierra de Miranda ùa casa pa la lhéngua, que seia solo sue i adonde entre quien la querga falar, quien la querga daprender ó, al menos, botá-le ùa mano? Ùa casa que, sin ser scuola, sirba para ansinar quien quejir daprender? I adonde se guárden lhibros que fálen deilha i por eilha? Nun será assi que la Tierra de Miranda amostra que ye grande?

Bou-me a quedar porqui. Mas inda bos quiero fazer un zafio, a bós mirandeses que, cumo you, daprendistes a falar l mirandés anquanto mamábades, i tamien a bós que nun lo chequestes a daprender bien, mas inda stais a tiempo puis solo por eilha podeis lhembrar buossos abós, i a todos bós que, séiades mirandeses ó nó, solo agora lo çcubris i tamien lo quereis meter andrento. Mirai par'andrento de bós, bien ne l fondo, i respundeí, un por un, uolhos ne ls uolhos: quereis ser ls anterradores de la lhéngua q'ardestes? Quereis deixar que se muorra l'única cousa que ye solo buossa i, cumo nanhue outra, bos çtingue? Se quereis, anton ye tiempo de comprar l queixon i purparar l antierro. Se nun quereis, anton spabilai-bos porque l tiempo ye scasso par'inda fazer algo.


Quien stubo a ler, yá bai farto i cun rezon. Por mi, podie cuntinar. Cul coração na punta de ls dedos, to la nuite fui screbindo, sin suonho, cumo quien queda a belar para nun se morrer. Lisboua anteira, alredror, deixa-me a falar solico. La Tierra de Miranda, a quenhientos kilómetros deiqui, cheira-me a bendímia i a sementeira.

Lisboua, ua lharga nuite de setembro de 1999. Fracisco Niebro”

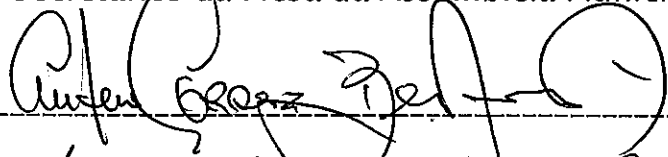
Foi dada a palavra ao **Presidente da Câmara** que agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a cerimónia. -----

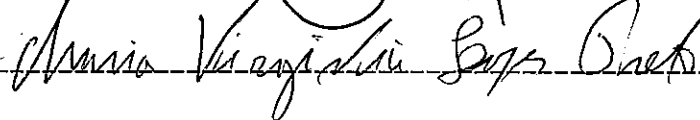
O Presidente da Mesa agradeceu a todos a sua participação e deu por concluída a sessão pelas 14.00 horas, da qual se lavrou a presente acta que vai ser assinada nos termos da Lei.-----

O Presidente da Assembleia Municipal:



Os Secretários da Mesa da Assembleia Municipal:





A Secretária da Sessão:

